

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Sintaxe Funcional: uma entrevista com Maria Angélica Furtado da Cunha. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022. [www.revel.inf.br].

SINTAXE FUNCIONAL: UMA ENTREVISTA COM MARIA ANGÉLICA FURTADO DA CUNHA

Maria Angélica Furtado da Cunha¹

REVEL – Como e quando começaram os estudos de sintaxe funcional no Brasil, analisando dados do português brasileiro?

FURTADO DA CUNHA – Em termos do cenário brasileiro, os estudos de sintaxe funcional se fundamentam, basicamente, em três abordagens: a Linguística Sistêmico-Funcional, desenvolvida por Michael Halliday na Inglaterra e, posteriormente, na Austrália, a Gramática Discursivo-Funcional, inaugurada por Simon Dik na Holanda, e a Linguística Funcional norte-americana, desenvolvida na costa oeste dos Estados Unidos, de inspiração em Talmy Givón, Wallace Chafe, Sandra Thompson, Paul Hopper, Joan Bybee, entre outros. Vou me reportar, aqui, a essa terceira vertente, pela qual me oriento. Pode-se dizer que esses estudos começaram em meados de 1980, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, introduzidos por Sebastião Votre e Anthony Naro, professores da UFRJ. Nesse ano, durante um pós-doutorado na Pensilvânia, Votre entrou em contato com Ellen Prince, cujo trabalho sobre o *status* informacional do SN contemplava os campos da pragmática, do discurso e da estrutura da informação. Mais tarde, em 1989, sob a orientação de Votre, escrevi **A passiva no discurso**, primeira tese de doutorado funcionalista da UFRJ. Nesse mesmo ano, Votre e Naro publicam, na revista DELTA, o artigo **Mecanismos funcionais do uso da língua**, no qual afirmam que “do uso da língua origina-se a forma da língua” (1989, p. 170), princípio básico do funcionalismo. De lá para cá, muitos trabalhos têm sido produzidos sob o quadro teórico da linguística funcional norte-americana. Cabe destacar, ainda, a criação do

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

grupo de estudos Discurso & Gramática (D&G) por Sebastião Votre na UFRJ, no início da década de 1990. Inspirado nas ideias de Talmy Givón, Sandra Thompson e Wallace Chafe, esse grupo se volta para investigações sobre a interação entre discurso e gramática, como o próprio nome indica. Atualmente, além da UFRJ, o D&G está sediado também na UFRN e na UFF, e seus pesquisadores compartilham tanto a orientação teórica e metodológica quanto as hipóteses e objetivos que motivaram a formação do primeiro núcleo.

REVEL – O que diferencia um estudo funcionalista de sintaxe de um estudo sintático formalista?

FURTADO DA CUNHA – Evidentemente, tanto a abordagem funcionalista quanto a gerativista têm como objeto de estudo a língua. Contudo, esses modelos diferem no que diz respeito aos objetivos desse estudo, assim como às premissas e às hipóteses que os norteiam. Enquanto os gerativistas se interessam pela natureza mental da linguagem humana, com o fim de descrever o conhecimento linguístico dos falantes, os funcionalistas se ocupam do uso da língua, para estudar a relação entre a estrutura gramatical e os diferentes contextos interacionais em que ela é usada. Os funcionalistas consideram a língua como um fenômeno social, um instrumento de comunicação, cuja gramática se adapta a pressões cognitivas, comunicativas e estruturais presentes na interação verbal. Desse modo, a gramática é vista como o resultado da cristalização ou regularização de estratégias discursivas recorrentes. Nessa direção, os pesquisadores que seguem a linguística funcional de vertente norte-americana dedicam-se à descrição, à análise e à interpretação de fenômenos de variação e de mudança, atentando para os processos cognitivos de domínio geral, como categorização, analogia e inferência, que atuam na configuração das línguas. A sintaxe funcional insere-se, portanto, nos chamados modelos baseados no uso.

REVEL – Entre suas linhas de pesquisa, estão a relação entre discurso e gramática e o ensino de gramática de um ponto de vista funcionalista. A senhora poderia nos falar mais sobre essas duas áreas de investigação?

FURTADO DA CUNHA – Uma premissa fundamental da Linguística Funcional norte-americana é que gramática e discurso têm uma relação de simbiose, de modo que a

gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática. Nessa linha, a morfossintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Em contrapartida, o discurso depende da gramática para ser materializado. Sob essa ótica, a linha de pesquisa sobre discurso e gramática volta-se para estudos que focalizam a função que as formas linguísticas desempenham no uso efetivo da língua, com especial interesse nos processos de variação e mudança linguísticas. Pode-se dizer que essa linha de pesquisa é de cunho mais teórico-metodológico, no sentido de que produz resultados que contribuem para o refinamento do modelo funcionalista, ao mesmo tempo em que fornece descrições, análises e interpretações de variados fenômenos morfossintáticos do português brasileiro e suas motivações semântico-cognitivas e discursivo-funcionais.

Por sua vez, a linha de pesquisa sobre ensino de gramática tem uma natureza mais aplicada, na medida em que visa trazer contribuições ao ensino de língua portuguesa no sentido de subsidiar docentes em suas práticas pedagógicas. Esse subsídio pode dar-se tanto por meio do conhecimento acadêmico produzido pelas pesquisas empreendidas, o qual pode fundamentar a atuação docente, quanto pelas implicações práticas delas emanadas em termos de proposições e encaminhamentos para o trabalho docente propriamente dito.

REVEL – Além de sua produção original, a senhora traduziu títulos importantes para o português, ajudando a fortalecer a área no Brasil. Exemplos disso são os livros *A compreensão da gramática*, de Talmy Givón (EDUFRN, 2012), *Língua, uso e cognição*, de Joan Bybee (Cortez, 2016), e *Construcionalização e mudanças construcionais*, de Elizabeth C. Traugott e Graeme Trousdale (Vozes, 2021). Conte-nos como foi a experiência de traduzir essas obras. E como você acha que se encontra a Sintaxe Funcional no Brasil hoje, considerando o cenário internacional de pesquisas na área?

FURTADO DA CUNHA – Quando comecei a lecionar disciplinas que tratavam da sintaxe funcional, praticamente não tínhamos material sobre a Linguística Funcional em português. Visto que a grande maioria dos alunos não dominava o inglês, eu

frequentemente traduzia os textos que utilizava em sala de aula. Assim, a necessidade de divulgar o modelo funcionalista somada à dificuldade de acesso dos alunos aos textos originais me levaram à atividade de tradução. Como meu contato mais intenso e extenso com a LF, ainda no doutorado, foi através do livro seminal de Talmy Givón, **On understanding grammar** (1979), unanimemente considerado a primeira obra sobre a LF norte-americana, minha experiência de tradutora começou por esse livro. O projeto de tradução teve início durante meu primeiro estágio de pós-doutorado na University of California, Santa Barbara (UCSB), em 1996, mas o livro só foi publicado em 2011, pela editora da UFRN, e depois pela Cortez, em 2013. As traduções de **Língua, uso e cognição** (2016), e **Construcionalização e mudanças construcionais** (2021), por outro lado, foram mais simples, uma vez que só foram iniciadas depois que as editoras que as publicaram, Cortez e Vozes, respectivamente, aprovaram o projeto de tradução.

Na minha avaliação, a (morfos)sintaxe funcional de vertente norte-americana encontra-se bem consolidada no Brasil, seja em termos de produção acadêmica nacional, seja em termos de aprofundamento e ampliação teórica, principalmente após a incorporação de alguns pressupostos e categorias analíticas da Linguística Cognitiva, em especial, da Gramática de Construções, no que atualmente os pesquisadores do grupo Discurso & Gramática denominamos Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Considerando o cenário internacional, atrevo-me a dizer que as pesquisas que desenvolvemos não ficam aquém daquelas produzidas por linguistas estrangeiros.

REVEL – Você poderia indicar para nossos leitores alguns livros e artigos (clássicos e recentes) que enriqueceriam sua formação em sintaxe funcional?

FURTADO DA CUNHA – Entre os clássicos, indico **On understanding grammar** (1979), que teve uma atualização recente pelo próprio autor (2018), assim como **Grammaticalization** (2003[1993]). **Gramaticalização no português do Brasil** (1996), primeiro livro funcionalista em língua portuguesa e sobre o português brasileiro, e **Linguística Funcional: teoria e prática**, que introduz os

pressupostos teóricos e categorias analíticas da LF clássica, publicado originalmente em 2003 pela DP&A e reeditado pela Parábola em 2015.

Dos artigos clássicos, destaco **From discourse to syntax** (1979), de Givón, e **The origins of syntax in discourse** (1976), de Sankoff e Brown, que lançaram as sementes da LF norte-americana, **Transitivity in grammar and discourse** (1980), de Hopper e Thompson, e **Toward a taxonomy of given-new information** (1981), de Prince. Entre os livros mais recentes, indico as traduções de Bybee (2016) e de Traugott e Trousdale (2021), **Funcionalismo e ensino de gramática** (2016), **Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas** (2022). Com relação a artigos, cito Oliveira e Cezario (2007), Furtado da Cunha e Bispo (2013), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2014), Rosario e Oliveira (2016) e Furtado da Cunha e Silva (2019). Seguem as referências completas.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso e ensino de português. **Gragoatá**, v. 19, n. 36, p. 80-104, 2014.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.) **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R. A mudança linguística sob a ótica da Linguística Funcional. **LaborHistórico**, v. 5, n. 1, p. 15-35, 2019.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (Eds.). **Syntax and semantics: Discourse and syntax**, v. 12 New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012 [1979].

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. Revised edition. Amsterdam: John Benjamins, 2018.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, n. 2, 1980. p. 251-299.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (Orgs.). **Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas**. Curitiba: CRV, 2022.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, n. 10, p. 87-108, 2007.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, P. (Ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **ALFA**, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse: A case study of Tok Pisin relatives. **Language**, p. 631-666, 1976.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

VOTRE, S. J.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. **D.E.L.T.A.**, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.